

# O passado e o presente de Cádiz e da Turdetânia na *Geografia* de Estrabão: reflexões sobre processos de integração

*The past and present of Cadiz and Turdetania in Strabo's 'Geography': reflections on integration processes*

**Bruno dos Santos Silva\***

**Resumo:** O processo de integração no Mediterrâneo Antigo representa um fenômeno complexo e multifacetado, cujos contornos são revelados tanto por fontes arqueológicas quanto materiais. O presente artigo tem como objetivo refletir justamente sobre esse processo a partir de uma análise da obra *Geografia*, de Estrabão (séc. I a.C.), descrevendo o espaço da Turdetânia e a cidade de Cádiz. Com uma leitura detalhada do livro III desta obra, pretende-se oferecer uma visão alternativa ao papel da cidade gaditana, aos olhos de Estrabão e de outras fontes escritas contemporâneas, nas transformações observadas no espaço da Turdetânia. Defende-se que, em vez de ser um paradigma para o estudo da romanização, como defendem alguns autores, tanto Cádiz quanto a Turdetânia podem ser lidas como modelos de um mundo em integração muito antes da chegada dos romanos, sendo tal cidade um agente central desse processo.

**Abstract:** The process of integration in the Ancient Mediterranean represents a complex and multifaceted phenomenon, the contours of which are revealed by both archaeological and material sources. This article aims to reflect precisely on this process through an analysis of the work *Geography* by Strabo (1<sup>st</sup> century BC), describing Turdetania's space and the city of Cadiz. With a detailed reading of book III of this work, it is intended to offer an alternative view of the role of the city of Cadiz, for Strabo and other contemporary written sources, in the transformations observed in the space of Turdetania. It is argued that, instead of being a paradigm for the study of Romanization, as some authors defend, both Cadiz and Turdetania can be understood as models of a world in integration long before the arrival of the Romans, with this city being a central agent of this process.

**Palavras-chave:**

Estrabão.  
Cádiz.  
Turdetânia.  
Romanização.  
Integração.

**Keywords:**

Strabo.  
Cadiz.  
Turdetania.  
Romanization.  
Integration.

---

Recebido em: 17/09/2023

Aprovado em: 30/10/2023

---

\* Possui pós-doutorado pelo Programa de História Social da Universidade de São Paulo (USP). É doutor e mestre pela mesma instituição e bacharel e licenciado em História pela USP. Desenvolveu pesquisa sobre os processos de integração na Turdetânia (Andaluzia, Espanha), nos séculos V-I a.C., com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

## Introdução

**N**as fontes escritas da Antiguidade, o sudoeste da Península Ibérica foi identificado por diversos nomes e lá foi localizada uma miríade de povos. Dentre esses nomes e povos um se destaca e chama a atenção de muitos historiadores preocupados com aquele espaço: a Turdetânia.<sup>1</sup> A terra dos turdetanos não tinha fronteiras muito bem definidas, mas era aproximadamente o equivalente à Andaluzia Ocidental, região administrativa do Estado moderno espanhol. A população local, ao longo do primeiro milênio a.C., era composta tanto de povos plenamente estabelecidos<sup>2</sup> há milhares de anos quanto de grupos humanos que passaram a frequentar esse espaço cada vez mais no decorrer desse período.<sup>3</sup> Historiadores e arqueólogos têm estudado as consequências dessas presenças ao longo do tempo e muito se focou na presença dos romanos ao final desse mesmo milênio, com discussões importantes acerca da romanização da população da Turdetânia.

Uma das principais fontes para se estudar esse fenômeno é a *Geografia* de Estrabão, um tratado geográfico escrito ao final do século I a.C., em grego, por um membro da aristocracia do antigo reino do Ponto, ao sul do Mar Negro. Os dezessete livros que compõem a obra pretendem descrever todos os espaços do mundo conhecido à época de sua produção, sendo o livro III aquele destinado à descrição da Península Ibérica. Para muitos historiadores, a Turdetânia que Estrabão apresenta nessa obra é o paradigma ideal para se analisar o processo chamado de romanização.<sup>4</sup> Entretanto, uma análise mais detalhada da obra pode apresentar cenários interpretativos diferentes e revelar um espaço com realidades sociais mais complexas. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é propor uma reinterpretação da descrição do sudoeste da Península Ibérica na obra *Geografia*, de Estrabão, tendo como chave de leitura o papel da cidade de Cádiz nas transformações apresentadas por essa fonte antiga.<sup>5</sup> Cádiz é essencial para este artigo uma vez que é a cidade que tem mais visibilidade ao longo do livro III devido à importância desse centro urbano. Espera-se que uma abordagem dessa natureza possa

---

<sup>1</sup> Para uma discussão mais detalhada sobre os diferentes nomes desse espaço, conferir Silva (2019), capítulos 1 e 2.

<sup>2</sup> Para mais detalhes sobre este tema, conferir Escacena e Beltrán (2007).

<sup>3</sup> Para mais detalhes sobre este tema, conferir Celestino e López-Ruiz (2016).

<sup>4</sup> Em 2018, foi publicado o livro *Roman Turdetania: Romanization, Identity and Socio-Cultural Interaction in the South of the Iberian Peninsula between the 4th and 1st centuries BCE*, organizado pelo pesquisador Gonzalo Cruz Andreotti, cujos capítulos abordam essa temática.

<sup>5</sup> Neste artigo, opta-se pelo uso do topônimo moderno Cádiz, para evitar quaisquer confusões na análise. A cidade originalmente chamava-se *Gadir* que, em fenício, significava “fortaleza”, ou “área murada”. As fontes em grego utilizam largamente o nome *Gadeira*. Os escritos em latim apresentam a denominação *Gades*. Atualmente, encontramos duas grafias reconhecidas para o português: Cádiz ou Cádiz, ambas derivando do árabe *Qādis*.

contribuir com os estudos das transformações ocorridas nas terras circundantes do Mar Mediterrâneo no final do primeiro milênio a.C.

### **Turdetânia e Cádiz ao final do primeiro milênio a.C.**

Nos momentos finais do primeiro milênio antes de nossa era, um projeto de descrição do “mundo conhecido” (a *oikoumene* grega) era arquitetado por um estudioso nascido ao sul do Mar Negro. Estrabão e sua *Geografia* seguiam uma longa tradição de composição de grandes narrativas (históricas, geográficas, mitológicas, etnográficas<sup>6</sup> sobre partes do mundo – para os mais audaciosos, sobre o mundo inteiro –, produzidas em língua grega (e posteriormente em latim) desde o final do Período do Bronze e o início do Período do Ferro. Para Estrabão, seu trabalho pertencia aos da linhagem de escritores como Homero e Políbio e seria útil, principalmente, para estadistas (πολιτικός) e homens educados em geral.

Dentro desta lógica, a imagem que Estrabão pinta da cidade de Cádiz ao final do primeiro milênio a.C. era: famosa pela produção de produtos derivados da pesca, pela confecção de navios, e pelo templo de Melqart, entidade semita frequentemente associada a Hércules;<sup>7</sup> Cádiz era, ainda, costumeiramente utilizada pelas fontes escritas como referência do Extremo Ocidente.<sup>8</sup> Contudo, ele também ressalta um aspecto importante, que é a estreita relação dos seus habitantes com Roma: a amizade entre essas cidades é colocada como um dos motivos da prosperidade da ilha (Estrabão, *Geographia*, III, 1, 8).

Uma singularidade da apresentação dessa cidade na *Geografia*, de Estrabão, é o fato de ela aparecer tanto na descrição da Turdetânia (capítulos 1 e 2 do livro III, que trata da Península Ibérica) quanto na parte dedicada às ilhas (capítulo 5 do mesmo livro). Voltaremos a esse tópico mais adiante, porém, tenhamos em mente o seguinte: nos dois primeiros capítulos, Cádiz é sempre descrita em relação direta com o interior da região – é, por exemplo, considerada pelo geógrafo uma das cidades mais importantes da Turdetânia, juntamente com Córdoba (Estr., *Geo*, III, 2, 1). Já no capítulo 5, a história da cidade é mais bem detalhada, assim como são destacadas algumas de suas especificidades e qualidades. Cádiz é, sem dúvida, a cidade mais bem descrita no livro dedicado à Península Ibérica, e a importância dos romanos nas transformações pelas quais ela passa na época de Estrabão é bastante ressaltada pelo autor. Como veremos mais adiante, neste artigo, não é comum encontrar fontes que conectem Cádiz

<sup>6</sup> Sobre esse tema, ver Clarke (1999), Dueck (2002) e Promtera (2007).

<sup>7</sup> Sobre a relação entre Hércules e Melqart, cf. capítulo 9 de Malkin (2011), capítulo 7 de Mierse (2012) e, principalmente, Mierse (2004).

<sup>8</sup> Cidades eram localizadas a partir da sua distância para Cádiz ou do tempo de viagem entre elas.

e Roma. A primeira aparece citada em vários contextos por fontes distintas, mas apenas em algumas delas o contato com a segunda é enfatizado.

Plínio, o Velho (*Naturalis Historia*, 3, 3), é uma destas exceções. Ao descrever a província da Bética – “a mais rica em cultivo e fertilidade de todas as províncias” –, ele apresenta a divisão administrativa romana, que consiste em quatro jurisdições ou conventos: Cádiz, Córdoba, Ástigis e Híspalis. Vejamos:

À jurisdição de Cádiz pertencem Regina, com cidadãos romanos, Laepia Regia com cidadãos latinos, Carisa de sobrenome Aurelia, Urgia de sobrenome Castrum Julium, e Caesaris Salutariensis; as cidades tributárias de Besaro, Belippo, Barbesula, Blacipo, Baesippo, Callet, Cappacum, Oleastro, Iptuci, Ibrona, Lascuta, Saguntia, Saudo, Usaepo (Plin., *Nat. Hist.*, III, 1).

Aqui, vemos Cádiz imersa no sistema administrativo que os romanos vinham implementando na região desde, pelo menos, o século II a.C. Escrevendo no século I d.C., pouco mais de 70 anos depois de Estrabão,<sup>9</sup> Plínio apresenta a cidade dos gaditanos como a capital da jurisdição/convento que comporta as cidades atlânticas da Bética. Ademais, define-a como uma das cidades mais importantes da província mais rica do Império.

A marcante presença romana nos trabalhos de Estrabão e Plínio não é, obviamente, coincidência. Trata-se de duas obras grandiosas (em fôlego e importância): a primeira, uma grande descrição do mundo conhecido até aquele momento, e a segunda, uma narrativa que sintetiza o conhecimento humano. Ambos os trabalhos são influenciados por uma visão ecumênica do poder romano que pode ser identificada em outros autores contemporâneos – e mesmo anteriores. Essa característica é fundamental para a compreensão da relação que propomos, uma vez que, pelo menos desde Políbio, no século II a.C., o poder romano era tido como (ou, ao menos, estava em vias de tornar-se) hegemônico e viabilizador do conhecimento pleno da *oikoumene*.<sup>10</sup> Assim sendo, uma análise cuidadosa das obras que nascem à luz desse processo é essencial para se pensar a relação entre Cádiz e o poder romano.

Cádiz é, ao menos para Estrabão e Plínio, uma cidade que não pode ser estudada isoladamente, pois, em última instância, apresenta forte relação com Roma, mas também porque exibe papel estratégico no espaço da Turdetânia (ou da Bética, em Plínio). Além disso, essa cidade tem uma ancestralidade exótica digna de ser notada – fundada por habitantes da cidade fenícia de Tiro, é bastante identificada como morada mitológica

<sup>9</sup> Sobre a data de produção da *Geografia*, de Estrabão, assim como de seu nascimento e morte, ver síntese nossa em Silva (2013, p. 46-76). Para debates mais específicos, Jones (1960), introdução da tradução da *Loeb Classical Library*; Lasserre e Aujac (1969), introdução à tradução da *Les Belles Lettres*; Potheary (1999; 2002); e Dueck (2002).

<sup>10</sup> Ver Cruz Andreotti (2015, p. 280-285) e Clarke (1999, p. 117-120).

de Gerião – e fora quartel general dos cartagineses sob comando da família Barca, momentos antes da Segunda Guerra Púnica. Essas são apenas algumas características atribuídas à cidade por diferentes fontes escritas que antecedem Estrabão.<sup>11</sup> Portanto, uma investigação mais detalhada do lugar que Cádiz ocupa na descrição que Estrabão faz da Turdetânia pode ajudar a compreender não só as dinâmicas locais dessa parte da península, mas também a articulação dessas localidades com fenômenos mais globais.

### A Turdetânia em Estrabão

Junto com o destino feliz de seu país, as qualidades de gentileza (τὸ ἡμερον) e civilidade (τὸ πολιτικὸν) chegaram aos Turdetanos; e também para os povos celtas, por serem vizinhos dos turdetanos, como Políbio disse, ou então por causa de seu parentesco; mas menos os povos celtas, porque na maior parte vivem em meras aldeias (τὰ πολλὰ γὰρ κωμηδὸν ζῶσιν). Os turdetanos, no entanto, e particularmente aqueles que vivem perto do Baetis, mudaram completamente para o modo de vida romano (τὸν Ῥωμαίων μεταβέβληνται), nem mesmo se lembrando mais de sua própria língua. E a maioria deles tornou-se latinos e receberam romanos como colonos, de modo que não estão longe de serem todos romanos (ὥστε μικρὸν ἀπέχουσι τοῦ πάντες εἶναι Ῥωμαῖοι). E as atuais cidades estabelecidas em conjunto, Pax Augusta na região celta, Augusta Emerita no país dos turdulianos, Cesar-Augusta perto de Celtiberia e alguns outros assentamentos, manifestam a mudança nos modos de vida civil acima mencionados. Além disso, todos os ibéricos que pertencem a esta classe são chamados de 'Togati'. E entre estes estão os celtiberos, que já foram considerados os mais brutos de todos (Estr., *Geo.*, III, 2, 15).

Estrabão buscava atualizar os dados fornecidos por Políbio. Essa afirmação fica evidente no excerto anterior, que encerra a descrição da Turdetânia na *Geografia*, de Estrabão. A Turdetânia polibiana é marcada por uma população que adota um estilo de vida adequado aos seus olhos: as expressões utilizadas – τὸ ἡμερον e τὸ πολιτικὸν – remetem a uma vida ordeira, domesticada, segundo as regras da *pólis*.<sup>12</sup> Essa análise é corroborada pela característica que é apresentada para aqueles que ainda não vivem aquela vida: γὰρ κωμηδὸν ζῶσιν, isto é, que vivem em vilas. Políbio enxergava e descrevia

<sup>11</sup> Para a análise de outras fontes que mencionam e/ou descrevem a Turdetânia e Cádiz, conferir o capítulo 2 de Silva (2019).

<sup>12</sup> Para L. A. Thompson (1979), em *Strabo on Civilization*, há uma gradação nos níveis de desenvolvimento de um povo aos olhos de Estrabão, que consiste em um "processo gradual de melhoria nas maneiras e modo de vida" (τῶν ἡθῶν καὶ τῶν βίωσιν) e "organização sociopolítica" (βίωσιν καὶ πολιτειῶν) dividido em três etapas: rústico, semirrústico e urbano. "Os atributos de uma sociedade civilizada assim consistem em certo padrão de cultura material e moral e cultivo social (τὸ ἡμερον) combinado com traços sociais particulares que surgem somente do processo de viver em conjunto em cidades (τὸ πολιτικὸν)" (THOMPSON, 1979, p. 221). Para o autor, na *Geografia*, τὸ ἡμερον seria o estágio imediatamente anterior ao τὸ πολιτικὸν, a primeira caracterizada pela organização da natureza e cultivo, a segunda por articular esse estágio à vida na *pólis*.

a Turdetânia como um espaço que abraçara um estilo de vida reconhecido por ele como bom, adequado a seres humanos e presente em seu referencial de mundo.

Em seguida, temos a atualização das informações, promovida por Estrabão: os turdetanos tornaram-se romanos – τὸν Ῥωμαίων μεταβέβληνται. O autor continua sua descrição apresentando alguns dos elementos dessa transformação: esse povo, no tempo de Estrabão, fala a língua dos romanos, e esqueceu a sua completamente; ganhou os direitos das comunidades latinas e recebeu colonos romanos, fatos que, aos olhos de Estrabão, o tornaram quase romano por completo – ὥστε μικρὸν ἀπέχουσι τοῦ πάντες εἶναι Ῥωμαῖοι. Por fim, o geógrafo apresenta o motor dessas transformações: as cidades fundadas pelos romanos. Para esses e outros dados, Estrabão (*Geo.*, I, 2, 1) não sente necessidade de informar sua fonte, pois, em sua opinião, as conquistas de romanos e partas forneciam novas notícias para serem incorporadas ao conhecimento disponível.<sup>13</sup>

Esse mesmo movimento de incremento do relato de Políbio pode ser visto em Estrabão (*Geo.*, III, 1, 6), num trecho em que inicia sua descrição da Turdetânia.<sup>14</sup> De fato, vemos Estrabão fazer o mesmo com Posidônio (séc. II a.C.) e Artemidoro (séc. I a.C.) em outras partes da *Geografia*, particularmente no terceiro livro, que descreve a Ibéria – e, conseqüentemente, onde encontra-se a descrição da Turdetânia. Essa constatação de uma das estratégias de escrita de Estrabão é extremamente importante: o geógrafo insere-se, continuamente, em uma linhagem de autores que descreve o mundo ao seu tempo.

A *Geografia* de Estrabão é composta, no total, por dezessete livros que pretendem analisar todo o mundo habitado. Os dois primeiros livros trazem discussões teóricas e de método sobre geografia, e os outros quinze livros apresentam relatos, descrições e reflexões preciosas, incluindo aspectos físicos, econômicos e humanos de várias partes do globo.<sup>15</sup> As menções a Cádiz e à Turdetânia estão quase todas concentradas no livro III, que é organizado em cinco capítulos – se levarmos em consideração a divisão tradicional livro/capítulo/parágrafo.<sup>16</sup> Entretanto, Estrabão divide a península em quatro espaços

---

<sup>13</sup> No original: “Atualmente, as conquistas dos romanos e dos partas acrescentaram muito ao nosso conhecimento, que (como foi bem observado por Eratóstenes) foi consideravelmente aumentado pela expedição de Alexandre” (*Geo.*, I, 2, 1).

<sup>14</sup> No original: “Eles chamam o local de Baetica por causa do rio, e também Turdetânia por causa de seus habitantes; no entanto, eles chamam os habitantes de turdetanos e turdulianos, alguns acreditando que são a mesma pessoa, outros que são diferentes. *Entre os últimos está Políbio, pois ele afirma que os turdulianos são vizinhos dos turdetanos no norte; mas no momento, não há distinção a ser vista entre eles*” (Estr., *Geo.*, III, 1, 6, grifo nosso). Sobre a questão do “presente” em Estrabão, ver Clavel-Leveque (1974).

<sup>15</sup> O livro III apresenta a Ibéria; o livro IV, a Gália e a Bretanha; Itália e Sicília nos V e VI; o livro VII, as regiões ao norte e ao sul do rio Danúbio, como Espiro, Macedônia, Trácia e Ilíria; Peloponeso, sul, centro e ilhas da Grécia nos VIII, IX e X; o livro XI traz do começo da descrição da Ásia, áreas ao norte dos montes Tauro, assim como a Partia, a Média e a Armênia; península da Ásia Menor nos livros XII, XIII e XIV; o livro XV, a Índia e Pérsia; áreas entre a Pérsia, o Mediterrâneo e o mar Vermelho no XVI; por fim, Egito e Líbia no XVII.

<sup>16</sup> Há duas propostas de organização interna dos livros: a mais antiga sendo a da versão parisiense feita em 1620 por

distintos: Turdetânia; Lusitânia; Costa Mediterrânica e seu interior; e as Ilhas. Praticamente temos um capítulo para cada região, com exceção da Turdetânia, que é descrita em dois capítulos. Formalmente, Cádiz está descrita no capítulo 5, junto com as ilhas. Todavia, ocupa posição central na descrição da Turdetânia nos capítulos 1 e 2. Esse aspecto é importante para a análise que propomos aqui.

O capítulo 1 é dividido em nove parágrafos, sendo que os três primeiros são destinados a apresentar o livro III de forma mais generalizada, com uma descrição geral dos limites da Península Ibérica, tal qual a formação de um quadro universal para ela. Estrabão afirma que se trata da região mais a oeste da *oikoumene*, e que possui basicamente um norte frio e inóspito, montanhoso e com solo pobre; e um sul bastante fértil (Estr., *Geo.*, III, 1, 3).

O restante do capítulo é dedicado a descrever, em detalhes, a Turdetânia. Começando pela caracterização do litoral, o autor apresenta os limites desse espaço como sendo a Oeste o Cabo Sagrado e, a Leste, os Pilares de Hércules – sendo a cidade de Calpe, a “antiga e importante estação naval dos Íberos” (Estr., *Geo.*, III, 1, 7), a última antes da Oretânia – que separa a Turdetânia do litoral mediterrânico. A Turdetânia é abastecida pelos dois maiores rios da península, segundo Estrabão: o Anas (Guadiana) e o Baetis (Guadalquivir). A importância deste último faz com que alguns chamem a região de Bética, enquanto outros preferem Turdetânia por conta do povo que a habita, que Estrabão classifica como o mais sábio da Ibéria, pois possuía um alfabeto próprio com o qual suas histórias antigas, seus poemas e suas leis eram registrados (Estr., *Geo.*, III, 1, 6).

A descrição começa pela apresentação de algumas histórias que Artemidoro coletara quando esteve no Cabo Sagrado, prontamente refutadas a partir de contrapontos apresentados por Posidônio – também uma testemunha ocular, pois passara trinta dias em Cádiz (Estr., *Geo.*, III, 1, 5). Estrabão, em seguida, apresenta os rios que formam e abastecem a região, detalhando os seus cursos. Ele também afirma que, entre o rio Tagus (Tejo) e o Anas (a fronteira setentrional da Turdetânia), é possível encontrar alguns lusitanos e celtas que os romanos assentaram próximos à margem do primeiro rio, estando, portanto, fora da Turdetânia.

Nas partes III, 1, 7; III, 1, 8 e III, 1, 9, o litoral entre o Cabo e os Pilares de Hércules é descrito. A costa é uma região rica na produção de peixe salgado, e em entrepostos comerciais, como Menlaria e Belon. Há, ainda, a cidade de Cádiz, cidade extremamente

---

Causabon, que não separa o texto em seções, mas sim a numeração de suas páginas é utilizada para localizar determinado trecho – normalmente indica-se com uma letra C maiúscula acompanhada do número da página se pretendemos citar um trecho desta versão. A divisão em capítulos e seções originou-se em 1763, na edição de Bréquigny. Ela tem sido a mais utilizada nos últimos anos por conta da sua praticidade, uma vez que cada citação vem acompanhada de três números em sequência, representando, respectivamente, o livro, o capítulo e a seção.

rica, mas que fica em uma ilha afastada do continente (Estr., *Geo.*, III, 1, 8) – e, como vimos anteriormente, as ilhas são descritas com mais detalhes no capítulo cinco. Ao finalizar o primeiro capítulo, Estrabão (*Geo.*, III, 1, 9) apresenta o restante do litoral, na direção Sul (Pilares)/Noroeste (Cabo Sagrado), destacando o porto e o templo de Menesteus, os estuários de Asta e Nabrisa – duas cidades importantes do litoral –, além da cidade de Ebura e o santuário de Fósforo-Artêmis. Surge, assim, um quadro que aponta para o comércio como principal meio de produção de riqueza na região costeira.

O capítulo 2 também é dedicado à Turdetânia, entretanto, a narrativa agora se desloca para o interior. Estrabão começa apresentando as fronteiras internas da Turdetânia, que são a Oeste e a Norte o rio Anas; a Leste a Carpetânia e a Oretânia; e ao Sul sua própria costa. O começo do capítulo retoma uma descrição mais geral desta χώρος,<sup>17</sup> onde ele afirma existir mais de duzentas cidades (Estr., *Geo.*, III, 2, 1). As maiores estão, segundo o autor, localizadas nas margens dos rios, nos estuários ou próximas ao mar. As mais importantes, entretanto, são Córdoba – fundada, segundo o geógrafo, por Marco Cláudio Marcelo (século II a.C) – e Cádiz. Aqui, esta última é considerada importante por conta do comércio que realiza e, também, pelo contato com os romanos; em capítulos posteriores esses atributos são pormenorizados. Cádiz, portanto, é apresentada como uma das duas cidades mais importantes desse espaço.

Há, ainda, a menção à cidade de Hispalis, importante colônia romana e centro comercial de toda Turdetânia – atual Sevilha. Estrabão nomeia uma série de outras πόλεις que são importantes devido à sua proximidade com o rio Baetis – central para a organização espacial que ele constrói. Diferentemente do litoral, acontecimentos relacionados a Roma aparecem para historicizar o interior, pois a maioria das cidades que Estrabão lista foram palco das derrotas de Pompeu na guerra contra César (Estr., *Geo.*, III, 2, 2). É importante ressaltar, nessa altura da análise, que, enquanto a narrativa litorânea é toda contrastada com fontes de períodos anteriores, o interior está quase sempre associado a Roma, e os dados são os mais recentes que Estrabão julgou obter. Há ainda todo um trecho dedicado aos rios Anas e Baetis, sendo que este último exerce importante papel de navegação e contato na região. Além de torná-la “a mais fértil do mundo” (Estr., *Geo.*, III, 1, 6), o Baetis é um facilitador natural que conecta o litoral (especialista em navegação, comércio e produção de derivados de peixes) ao interior (rico em minérios) (Estr., *Geo.*, III, 2, 3).

Podemos dizer que, para Estrabão, os motivos que fazem da Turdetânia um espaço tão rico são: sua fácil locomoção e a possibilidade de obtenção de produtos na terra e no mar e/ou de retirá-los das montanhas para exportá-los facilmente. Já no final do relato

---

<sup>17</sup> Para uma discussão detalhada sobre a tradução de χώρος como “espaço”, ver Silva (2022).

sobre a região, ele afirma que fora essa riqueza que atraía primeiro os fenícios para lá, frisando que eles ainda habitavam a região em seus dias (Estr., *Geo.*, III, 2, 13). Segundo o geógrafo, essa riqueza também já chamara a atenção de Homero, que ouvira, dos fenícios, relatos de um povo riquíssimo chamado Tartessos ocupando a região (Estr., *Geo.*, III, 2, 13). Homero também era a fonte de Estrabão para saber que Hércules lá estivera, e uma série de coincidências entre os relatos de Odisseu e nomes da região o levavam a acreditar que este último também a visitara (Estr., *Geo.*, III, 2, 13). Para Estrabão (*Geo.*, III, 2, 14), os fenícios eram bons informantes, pois haviam se instalado na região muito antes de os gregos saberem de sua existência, e de lá só saíram depois que os romanos destruíram sua hegemonia na região, quando da guerra contra os Bárcidas – estes atraídos à Turdetânia em busca de metais preciosos. Podemos, então, perceber que esses dois importantes parágrafos (Estr., *Geo.*, III, 2, 13; III, 2, 14) formam o bloco que apresenta o passado greco-fenício – especialmente do litoral –, cantado por Homero e pelos poetas que o seguiram, fontes respeitadas e defendidas por Estrabão.

Em termos gerais, podemos dizer que há uma separação metodológica entre litoral e interior da Turdetânia, mas também uma especialização de cada uma das partes desse espaço: a primeira voltada ao mar e a segunda à produção da terra (agricultura e metais preciosos).<sup>18</sup> Dessa forma, Estrabão (*Geo.*, III, 2) constrói a descrição de tal maneira que aquilo que a torna única e diferente do resto da Ibéria é, primeiro, a existência dessas duas formas de riqueza combinadas e, segundo, a existência de muitos rios navegáveis e baías que facilitam o comércio e o contato com o interior.

A análise dos dois capítulos nos mostra que os romanos estão ligeiramente mais presentes na descrição do interior do que na do litoral e, temporalmente, dominam o presente da análise.<sup>19</sup> Além disso, Estrabão faz questão de frisar que um grupo, em particular, adotara o modo de vida dos romanos: os que viviam às margens do Baetis (οἱ μέντοι Τουρθητανοὶ καὶ μάλιστα οἱ περὶ τὸν Βαίτιν τελέως εἰς τὸν Ῥωμαίων μεταβέβληνται), que, dentro da narrativa, têm função principal de mediar a relação entre o litoral e as montanhas produtoras de metais preciosos. Entretanto, a presença de fenícios e gregos

---

<sup>18</sup> No original: “Da Turdetânia são exportadas grandes quantidades de grãos e vinho, além de azeite, não só em grandes quantidades, mas também da melhor qualidade. Além disso, cera, mel e piche são exportados de lá, e grandes quantidades de carmesim e ocre vermelho que não são inferiores à sinópia. E eles constroem seus navios lá com madeira nativa; e eles têm pedreiras de sal em seu país, e não poucos riachos de água salgada; e não sem importância, também, é a indústria de salga de peixe que é praticada, não apenas neste condado, mas também no resto da costa fora dos Pilares; e o produto não é inferior ao do Ponto” (Estr., *Geo.*, III, 2, 6). E: “Embora o referido país tenha sido dotado de tantas coisas boas, ainda assim pode-se saudar e admirar, não menos, mas acima de tudo, sua riqueza natural em metais.” (Estr., *Geo.*, III, 2, 8).

<sup>19</sup> Sobre a questão temporal na obra de Estrabão, cf. Clavel-Leveque (1974) para um estudo do contraste das expressões *πρότερον* (outrora) e *νυν* (hoje em dia), e Potheary (1997) para um estudo pormenorizado sobre a expressão *καθ' ἡμας* (“em nosso tempo”).

também é marcante em ambas as partes desse espaço, tanto fundando cidades no litoral, quanto mediante histórias sobre grandes figuras mitológicas que o visitaram.

Assim como Cádiz, outras ocupações litorâneas são de origem fenícia (Estr., *Geo.*, III, 2, 13) – povo este que Estrabão também considera civilizado.<sup>20</sup> Tendo isso em mente, podemos inferir que, não obstante a ação efetiva de Roma nas transformações recentes do interior, o processo que levou esta região a tornar-se civilizada (τὸ πολιτικῶν) e gentil (τὸ ἡμερον), no litoral ou no interior, não é fruto exclusivo dos esforços itálicos.

Nesse quadro geral da Turdetânia apresentado por Estrabão, em que litoral e interior estão integrados, Cádiz – juntamente com outras cidades, todas elas localizadas próximas a vias aquáticas (rio e mar) –, apresenta um papel de articuladora das duas partes do espaço. Mas, se esse é o papel desempenhado pela cidade portuária fenícia quando o geógrafo descreve a paisagem da Turdetânia, será possível encontrarmos uma explicação do autor para esse protagonismo (que, lembramos, é dividido com outras cidades)?

### Cádiz em Estrabão

Com relação especificamente a Cádiz, o geógrafo deixa claro que esta cidade deve ser propriamente descrita nos capítulos posteriores, no entanto, nos capítulos 1 e 2 ela nos é apresentada da seguinte forma:

Em seguida aparece Cádiz (Γάδειρα), uma ilha separada da Turdetânia por um estreito, e distante de Calpe aproximadamente setecentos e cinquenta estádios (embora alguns digam ser oitocentos). Essa ilha não apresenta diferença nenhuma com relação às demais, exceto que, por conta da ousadia de seus habitantes como marinheiros, e em razão de sua amizade com os romanos, ela avançou tanto em todos os tipos de prosperidade que, embora situada no extremo da Terra, é a mais famosa das ilhas (Estr., *Geo.*, III, 1, 8).

Essas são características que Estrabão atribui a Cádiz e que reaparecem quando ele descreve a cidade no capítulo 5. Ainda assim, é importante ressaltar que ela é colocada em uma perspectiva global e é reconhecida como uma das mais importantes, devido à sua dedicação aos assuntos náuticos e ao seu contato com Roma. Em todos os trechos da descrição da Turdetânia em que a cidade é mencionada, Cádiz nunca é apartada da análise deste espaço, estando completamente inserida nos assuntos relativos a ele.

---

<sup>20</sup> Nos termos colocados por Thompson (1979), os fenícios podem ser classificados como civilizados da última etapa da linha evolutiva (τὸ πολιτικῶν), pois vivem em cidades, mas também são notórios produtores de conhecimento, por exemplo sobre geometria, que desenvolveram por conta do comércio (Estr., *Geo.*, III, 1, 3).

No capítulo 5, as ilhas próximas à Península Ibérica são apresentadas e descritas. Todavia, dos onze parágrafos que o compõem, oito descrevem Cádiz. Temos, então, que essa parte da obra de Estrabão (Estr., *Geo.*, III, 1, 8) é dedicada quase exclusivamente à “mais famosa das ilhas” (ὀνομαστοτάτη τῶν ἄπασῶν ἐστίν). Vejamos, pois, como ele é estruturado.

Os dois primeiros parágrafos descrevem as ilhas Pitiusas e as Giminésias – que formam o que conhecemos hoje por Ilhas Baleares. Em seguida, do terceiro ao décimo parágrafo, Estrabão descreve Cádiz. Em linhas gerais, observamos que o autor divide a análise em três momentos: i) o presente de Cádiz e a forte presença de Roma na descrição (Estr., *Geo.*, III, 5, 3); ii) a história da fundação da cidade e sua relação com a lenda de Hércules (Estr., *Geo.*, III, 5, 6); e iii) comentários sobre duas grandes curiosidades da ilha: os poços que funcionam ao contrário das marés e uma árvore cuja raiz fornece um líquido vermelho e o tronco, um branco (Estr., *Geo.*, III, 5, 10).

O presente de Estrabão é aquele em que Roma desempenha um papel essencial. Uma das fontes explicitadas pelo autor para apresentar dados demográficos da cidade – Cádiz perderia em número de habitantes somente para Roma, e teria entre os seus cidadãos aproximadamente 500 cavaleiros/equestres gaditanos – é um censo do qual ele recebeu relatos (Estr., *Geo.*, III, 5, 3). Ademais, segundo Estrabão (Estr., *Geo.*, III, 5, 3), quando não estão no mar, alguns gaditanos “passam um tempo em Roma”.

Os gaditanos da época da composição da *Geografia* viviam em uma cidade formada por dois centros urbanos, um antigo de fundação tísica e um novo fundado por L. Cornélio Balbo<sup>21</sup> – também responsável por construir um porto localizado no continente, em frente à ilha.<sup>22</sup> Porém, apesar de a cidade ser nova e bastante populosa, Estrabão (Estr., *Geo.*, III, 5, 3) chama a atenção, mais de uma vez, para o fato de os gaditanos viverem grande parte do tempo no mar. Essa especificidade dos gaditanos nos leva à caracterização mais interessante feita pelo autor:

Aqui vivem os homens que equipam os melhores e maiores navios mercantes, tanto para o Nosso Mar como para o mar externo, embora, em primeiro lugar, não seja uma ilha grande. Eles vivem e, em segundo lugar, não ocupam muito do continente oposto à ilha e, em terceiro lugar, não estão bem nas posses de outras ilhas (Estr., *Geo.*, III, 5, 3).

<sup>21</sup> As informações fornecidas por Estrabão sobre Balbo são muito restritas. Além de ser evergeta, é dito que ele ganhara um triunfo. Contudo, sabemos algumas outras informações sobre Balbo por conta de um famoso discurso proferido por Cícero, em 56 a.C., em sua defesa – o gaditano havia sido acusado de usurpar a cidadania romana. Mais adiante, apresentaremos uma breve análise e algumas impressões desse discurso e de outros aspectos relacionados a L. Cornélio Balbo.

<sup>22</sup> Possivelmente, o *Portus Gaditanus*, hoje conhecido como *Puerto Real*.

Aqui, lê-se Cádiz como um grande centro de produção e transporte em larga escala e de grandes distâncias. Para Estrabão, os gaditanos de seu tempo são reconhecidos pelo desinteresse pela terra (uma vez que conseguem viver em uma pequena ilha sem se interessarem pelo controle da porção continental próxima) e, especialmente, pela dedicação aos mares, tanto produzindo navios que fazem o percurso entre o Mediterrâneo e o Atlântico, quanto navegando-os.

O segundo momento da descrição é marcado pela análise que Estrabão faz das histórias associadas à fundação de Cádiz. A escolha do vocábulo “análise” é proposital, pois não se trata de uma narrativa ou mera reprodução de uma lenda. O autor da *Geografia* confronta uma série de fontes que narram a fundação da cidade e analisa a validade e a relevância de informações trazidas por diferentes autores – tanto da fundação em si quanto de histórias relacionadas.

O primeiro interesse de Estrabão é com relação à famosa confusão que autores antigos faziam com os nomes da região. Ao mencionar Ferécides de Leros (século V a.C.), Estrabão afirma que este teria identificado, em Cádiz, a morada de Gerião e seus rebanhos, associando esta cidade à Eriteia. Ele, porém, compara essa afirmação às de outros autores que identificam uma ilha próxima a Cádiz com as terras em que Hércules roubou o rebanho do gigante, pois, segundo ele, tratava-se de uma região voltada ao pastoreio e conhecida pelo queijo produzido.

Na sequência, Estrabão abre espaço para a lenda de fundação contada pelos próprios gaditanos. Três expedições teriam saído de Tiro, no Levante, em busca dos Pilares de Hércules (Ἡρακλέους στήλας) para fundar uma colônia (ἀποικίαν). Estrabão escreve que as duas primeiras tentativas fracassaram após os sacrifícios oferecidos não terem se mostrado favoráveis. Somente a terceira expedição se mostrou viável e os homens que a conduziram fundaram o templo de Hércules na parte leste e a cidade a oeste da ilha (Estr., *Geo.*, III, 5, 5). Estrabão faz aqui o detalhamento de um daqueles predicados mais comumente atribuídos ao Extremo Ocidente, que é a frequente presença fenícia no território. O que torna este comentário ainda mais relevante é sua fonte: o povo gaditano. Estrabão lhes dá ouvidos – sem mencionar, entretanto, como os relatos chegaram até ele –, para esse e outros assuntos relevantes.

A partir desses relatos locais, Estrabão promove um debate sobre os Pilares de Hércules. Ele afirma que, para alguns, eles se encontram em Calpe, para outros, em Cádiz, e há ainda aqueles que acreditam estar ainda mais distante do que Cádiz. O debate que tal questão suscita é mais interessante pelas fontes que Estrabão traz para seus leitores do que pelos argumentos e conclusões em si, em razão da interlocução estabelecida com seus antecessores. Segundo Estrabão: Artemidoro (séc. II a.C.) e outros autores defendem

que os Pilares se encontram em ilhas no Atlântico, como a ilha de Hera; Dicearco (séc. IV a.C.), Eratóstenes (séc. III a.C.), Políbio, e a maioria dos gregos identificam as cercanias do estreito como o local dos Pilares; há aqueles que acreditam que Píndaro (séc. V a.C.) teria chamado de “portais de Cádiz” duas ilhas que seriam identificadas como os Pilares; Iberos e Líbios acreditam que os verdadeiros Pilares se encontram dentro do Templo de Hércules, e possuem duas grandes inscrições de bronze em que constam os custos de produção do templo; Posidônio (séc. II a.C.) acredita nesta última versão, apesar de achar que as histórias sobre as expedições são mentirosas. Essa parte do capítulo demonstra que o espaço que aqui nos interessa era objeto de debate não só de Estrabão, mas também de grande parte da intelectualidade imediatamente anterior a ele.

O parágrafo III, 5, 6 é uma continuação dessa questão, com Estrabão deslocando o debate para o que caracterizaria um monumento. Há ainda uma tentativa de Estrabão de discutir os possíveis significados de Pilares. Ao final, ele retoma a expressão de Píndaro sobre os “portais de Cádiz” para dizer que ela não se sustenta, uma vez que a ilha não se encontra em uma posição geográfica que denota o fim de um caminho, “ao contrário, está localizada no centro de uma longa costa que forma uma baía” (Estr., *Geo.*, III, 5, 6).

O terceiro e último aspecto destacado por Estrabão diz respeito a uma peculiaridade do templo de Hércules que chama a atenção não apenas desse geógrafo, mas também de muitos outros filósofos: os poços que funcionavam inversamente às marés. Segundo Estrabão, fazendo referência a Políbio, havia, no templo, alguns poços que enchiam quando a maré baixava e esvaziavam na maré alta. Políbio, Artemidoro, Silano e Posidônio tiveram suas análises do caso apresentadas por Estrabão, que tende a aderir às propostas do último. Nela, Posidônio, que passara trinta dias no templo de Hércules, em Cádiz, parte das explicações apresentadas pela população da cidade para elucidar o mistério. Os comentários que Posidônio tece acerca desse tema são, segundo Estrabão, uma mescla do conhecimento popular e das ideias de Seleuco de Selêucia (séc. II a.C.), que estudara o comportamento dos astros e sua influência nos movimentos das marés. Sobre esse assunto, o geógrafo de Amásia tende a aceitar as explicações de seu interlocutor, apesar de criticar alguns aspectos metodológicos de sua pesquisa.<sup>23</sup>

Em suma, quando Estrabão trava esse longo debate com seus antecessores, ele, ao mesmo tempo, se coloca como fruto de uma tradição – à qual ele faz questão de aludir constantemente – e filho de seu tempo. Sua tradição é a de uma escrita em língua grega que seleciona aspectos míticos que buscam explicar determinadas características do mundo

---

<sup>23</sup> Estrabão critica Posidônio, entre outros motivos, por ele ser seletivo em relação às informações fornecidas pelos gaditanos, isto é, por aceitar como certas algumas, mas rejeitar outras que para Estrabão eram importantes.

e os mescla com conhecimentos práticos e os coloca para serem testados no crivo de uma lógica determinada pelo momento da escrita da obra. Essa tradição está intimamente ligada à vida em cidade que molda a lógica da escrita estraboniana – mas que também molda e moldava a de outros escritores de língua grega. Já a especificidade da *Geografia* se encontra na maciça presença de Roma no presente da análise. Em seu tempo, Políbio (*Historiae*, 1, 2; 1, 3) viu Roma unificar os dois polos do planeta e permitir uma melhor compreensão do quadro geral.<sup>24</sup> O presente de Estrabão fez emergir um olhar ainda mais apurado para todos os cantos do mundo conhecido, que, no caso da Turdetânia, destacava não só a existência de inúmeras cidades, mas também o seu funcionamento interno, e a sua articulação com um dos centros de atração desse processo de integração à vida mediterrânica.

### Diferentes temporalidades de Cádiz e da Turdetânia

A narrativa mitológica apresenta uma função de referência temporal na descrição da Turdetânia de Estrabão. Ela não é tratada como uma fonte de informação de segunda ordem, “desatualizada” ou errada, mas constitui um momento no passado que ajuda a explicar o presente. Ela compõe a identidade que a Turdetânia assume aos olhos de Estrabão: a presença longeva de Hércules justifica e localiza o processo de integração desse extremo do mundo à vida mediterrânica das cidades.

Périplos e estudiosos alexandrinos são confrontados entre si e com os dados do presente da *Geografia* com o objetivo de construir um conhecimento novo que permita a audiência de Estrabão compreender os fenômenos do presente. Esses dados contemporâneos são majoritariamente romanos, mas não só. Quando Estrabão fala em “como dizem os gaditanos”, pode-se pensar em informações orais que circulam pelo Mediterrâneo, e com as quais este autor pode ter contato, sem nunca ter visitado a cidade. Se Políbio apresentava a Turdetânia como um espaço repleto de cidades, e Posidônio lembrava Estrabão (*Geo.*, III, 2, 9) das riquezas minerais que atraíam povos das mais distintas localidades para o extremo da *oikoumene*, é com este último que vemos Cádiz adotar um papel central na paisagem que se delinea. Observemos o seguinte

---

<sup>24</sup> No original: “Os romanos, todavia, sujeitaram ao seu domínio não algumas partes do mundo, mas aproximadamente todo ele, e possuem um império não apenas incomensuravelmente maior que qualquer outro anterior, mas sem possibilidade de comparação também no futuro. Ao longo dessa obra serão perceptíveis com maior clareza as várias etapas da consolidação desse poderio; perceber-se-ão também as muitas e importantes vantagens proporcionadas aos estudiosos pelo tratamento pragmático da história. [...] Até essa época os eventos mundiais tinham sido por assim dizer dispersos, pois não eram interligados por uma unidade de iniciativa, resultados ou de localização; desde essa época, porém, a história passou a ser um todo orgânico, e os eventos na Itália e na Líbia interligaram-se com os da Hélade e da Ásia, todos convergindo para um único fim” (Polib., *Hist.*, 1, 2; 1, 3).

parágrafo em sua quase totalidade, pois ele sintetiza algumas das colocações anteriores sobre a Turdetânia e sua relação com Cádiz:

Os antigos parecem ter chamado o rio Baetis de "Tartessus"; e ter chamado Cádiz e as ilhas adjacentes de "Erítia"; e esta deve ser a razão pela qual Estesícoro assim falou sobre o vaqueiro Geryon, ou seja, que ele nasceu "em frente à famosa Erítia, ao lado das ilimitadas fontes de prata do rio Tartessus, em uma caverna de um penhasco". Como o rio tinha duas fozes, uma cidade foi fundada no território intermediário em tempos antigos, diz-se, – uma cidade que se chamava "Tartessus", por conta do nome do rio; e o país, que agora é ocupado por Turdulianos, foi chamado de "Tartessis". Além disso, Eratóstenes diz que o país adjacente a Calpe é chamado de "Tartessis" e que Erítia é chamada de "Ilha Abençoada". Eratóstenes é contestado por Artemidoro, que diz que esta é outra afirmação falsa de Eratóstenes, como sua afirmação de que a distância de Cádiz ao Cabo Sagrado é de cinco dias de navegação (embora não seja mais de mil e setecentos estádios), e sua declaração de que as marés terminam no Cabo Sagrado (embora as marés ocorram em todo o circuito do mundo habitado), e sua declaração de que as partes do norte da Península Ibérica proporcionam uma passagem mais fácil para Céltica do que se você navegar até lá pelo oceano; e, de fato, todas as outras declarações que ele fez confiando em Píteas, devido às falsas pretensões deste último (Estr., *Geo.*, III, 2, 11).

O passado da Turdetânia apresentado na *Geografia* é intimamente ligado ao rio Guadalquivir (Baetis) e à exploração da prata. As referências que o geógrafo usa para a construção do passado dessa paisagem são compostas de relatos mitológicos/poéticos (Estesícoro, séc. VI a.C., neste parágrafo, assim como outros aparecem em outras seções), relatos oriundos de périplos (novamente na figura de Píteas, citado por Eratóstenes) e informações obtidas com os estudiosos alexandrinos. Cádiz exerce uma dupla função: é a referência do Extremo Oeste para cálculo de distâncias e também é indicada como o ponto de contato mais remoto com a região, pois os "antigos" conheciam o rio, o povo que habitava seus arredores e a cidade fenícia (ainda que o nome fosse dado a partir de pressupostos gregos). Isto é, rica em prata, a Turdetânia é construída como um espaço abundante em minerais que chamara a atenção de gregos e fenícios.<sup>25</sup>

No presente da *Geografia*, como apresentamos antes, a produção é mais diversificada, e as cidades romanas dominam a descrição da paisagem turdetana. A riqueza da região ocorre pela associação entre qualidade da produção e vias de escoamento e comércio. No trecho que acabamos de analisar, o rio Baetis é citado, e nas análises que fizemos sobre Cádiz ele também aparece como importante conector do litoral com

---

<sup>25</sup> Ao analisar a obra como um todo, Catherine Clarke (1999, p. 301) aponta: "O passado é crucial, mas apenas na medida em que criou o mundo atual. Estrabão estava interessado em períodos do passado que transformaram espaços em lugares e lhes conferiram sua identidade atual." e acrescenta: "A história de cada lugar individual, que define sua identidade presente, chega até o próprio tempo de Estrabão e à relação do lugar com Roma" (CLARKE, 1999, p. 331).

o interior. Na *Geografia*, a fácil interação entre dois tipos de navegação, a fluvial e a marítima, faz da Turdetânia uma região desejada desde tempos remotos. Mas o presente vê o transporte terrestre, construído pelos romanos, ganhar um papel de relevância.

Antigamente, a estrada deve ter passado pelo centro desta planície e por Egelasta, uma estrada áspera e longa, mas *nos dias atuais* eles a fizeram seguir em direção às regiões costeiras, apenas tocando o campo *Spartarius*, mas levando ao mesmo lugar que a estrada anterior, ou seja, para as regiões ao redor de Castalo e Obulco; e através dessas cidades a estrada segue para Córdoba e Cádiz, o maior dos locais de comércio (Estr., *Geo.*, III, 4, 9, grifo nosso).

Da mesma forma que Cádiz era um dos elos de uma rede marítima que se juntava a uma rede fluvial, ela permanece sendo um elo da rede de transportes terrestres que os romanos levaram para a região. A importância do comércio para a formação do espaço turdetano pode ser vista também em outras fontes contemporâneas de Estrabão, como, por exemplo, Diodoro Sículo (séc. I a.C.).

Em sua *Biblioteca Histórica*, particularmente nos capítulos 35 e 36, Diodoro descreve os povos da Península Ibérica e, como uma de suas principais características, discorre sobre os trabalhos deles com prata e suas técnicas de exploração deste e de outros metais. Essa peculiaridade da região, segundo o autor, estimulou fenícios e romanos – em tempos distintos – a buscarem contato com os ibéricos:

Os nativos ignoravam o uso da prata, e os fenícios, enquanto realizavam seus empreendimentos comerciais e ficavam sabendo do que havia acontecido, compravam a prata em troca de outras mercadorias de pouco ou nenhum valor. [...] E o resultado foi que os fenícios, como no curso de muitos anos prosperaram muito, graças a esse tipo de comércio, enviaram muitas colônias, algumas para a Sicília e suas ilhas vizinhas, e outras para a Líbia, Sardenha e Ibéria (Diodoro, *Bibliotheca Historica*, 5, 35).

A base deste contato com os povos do interior em busca de metais era Cádiz, a mais importante fundação fenícia segundo o relato de Diodoro (*Bibl.*, 5, 20):

Os fenícios, que desde os tempos antigos faziam viagens continuamente para fins de comércio, plantaram muitas colônias em toda a Líbia e não poucas também nas partes ocidentais da Europa. E como seus empreendimentos correram de acordo com suas expectativas, eles acumularam grande riqueza e tentaram viajar além dos Pilares de Hércules para o mar que os homens chamam de oceano. E, primeiramente, sobre o próprio Estreito junto aos Pilares fundaram uma cidade nas costas da Europa, e como a terra formava uma península chamaram a cidade de Gadeira; na cidade eles construíram muitas obras apropriadas à natureza da região, e entre elas um templo caro de Hércules, e eles instituíram sacrifícios magníficos que foram conduzidos à maneira dos fenícios. E aconteceu que este santuário foi mantido com uma honra além do comum, tanto na época de sua construção quanto em dias comparativamente recentes, até mesmo em nossa própria época. Também muitos romanos, homens ilustres que realizaram

grandes feitos, ofereceram votos a este deus, e esses votos eles cumpriram após a conclusão de seus sucessos.

Muitas características da descrição que Estrabão faz podem ser encontradas aqui. O passado fenício de Cádiz, os Pilares de Hércules como referência para a fundação da cidade, o importante templo de Hércules e a forte relação com os romanos estão entre eles. Diodoro, no entanto, é mais pragmático com relação aos motivos da instalação fenícia, associando-a ao comércio e aos metais. Aquilo que parece inovador na análise da *Biblioteca Histórica* é uma aparente articulação entre o templo de Hércules e os negócios conduzidos a partir de Cádiz. Esse templo, como centro articulador das relações comerciais de uma região, é tema bastante comum na historiografia sobre a Antiguidade,<sup>26</sup> e demonstra que há uma relação de continuidade entre um passado fenício mais longínquo e um presente romano em que este povo tem uma função passiva e contemplativa da grandiosidade e importância de outrora.

Passado e presente da Turdetânia e de Cádiz se articulam de diversas maneiras e cumprem papéis distintos. O passado é estruturante na medida em que ele não é esquecido ou ignorado por Estrabão. As presenças fenícias e as referências mitológicas gregas são apresentadas com o objetivo de demonstrar o papel basilar que desempenharam esses povos na formação do presente descrito pelo geógrafo grego. Já no presente, em que romanos tomam a dianteira na construção de cidades e estradas que modificam a paisagem interiorana, Cádiz assume o papel de articuladora entre esse passado diversificado e o presente utilitarista da dominação romana. É por conta da tradição comercial e religiosa de Cádiz que a cidade assume papel central no sistema administrativo em gestação nos tempos de Estrabão.

A questão das diferentes temporalidades que aqui se analisa pode ser também discutida pela perspectiva de sua articulação com a intenção de Estrabão na composição de sua *Geografia*. Essa abordagem da obra é mais comumente encontrada em pesquisadores que estudam os 17 livros como um todo – diferentemente do que fazemos aqui, analisando apenas o livro III. Tomemos como exemplo Claude Nicolet (1991) e Catherine Clarke (1999).

Começando pelo historiador francês, ele atribui à *Geografia*, de Estrabão, e às demais fontes dos séculos I a.C. e I d.C. a função de propagandistas das conquistas do governo de Augusto. Ele ressalta a estreita relação entre conquista territorial e expansão do conhecimento do mundo, particularmente para gregos e romanos. Na sua visão, os périplos e as informações de terras distantes fornecidas por navegantes geram um tipo de conhecimento que dá lugar a grandes tratados científicos no período helenístico,

<sup>26</sup> Para o templo de Cádiz, cf. Mierse (2004; 2012).

alimentados de informações pelas expedições militares a partir de Alexandre. Nessa lógica, Roma e sua expansão a partir do século II a.C. é determinante para tal processo. Nicolet (1991, p. 30-31) identifica em Políbio as primeiras grandes manifestações de expressão do poder de Roma. Não se trata de dizer que Roma tenha dominado o mundo todo, mas era a única potência capaz de fazê-lo no momento.

Diante desse pano de fundo, o discurso de criação do espaço da Turdetânia na *Geografia* funcionaria como um instrumento importantíssimo para as pretensões do imperador de Roma. Quando discute o público de Estrabão e seus objetivos com a obra, Nicolet (1991, p. 73) aponta que “esta geografia é estritamente política e essencialmente destinada aos governantes, a fim de permitir-lhes um bom governo” – em uma leitura quase literal da escrita de Estrabão. O autor sugere que as frequentes constatações de Estrabão acerca do bom governo romano explicariam seu domínio do mundo, deixando bem clara a existência de uma simbiose entre conhecimento e poder, pois a obra de Estrabão “não é especialmente prática nem mesmo teórica; não é pública nem privada; mas sim todas essas juntas, pois conhecimento é necessário para se agir e, sem dúvida, entender deve preceder o dominar” (NICOLET, 1991, p. 73). Nesses termos, a obra de Estrabão seria fruto e propagadora de um projeto, de uma ideologia de dominação do mundo, sistematizada nas *Res Gestae*, simbolizada em diferentes níveis e por diferentes meios desde então. Estrabão está, para Nicolet, preso no presente de sua obra e tudo converge para os interesses desse período.

Katherine Clarke (1999, p. 204), por outro lado, argumenta que a *Geografia* não era um manual prático que poderia mostrar as distâncias do mundo para os romanos, mas sim um documento que se propunha a representar as transformações do mundo até aquele momento a fim de alertar os romanos sobre seus inimigos. Clarke (1999) parte da afirmação de que Estrabão estava preocupado com as transformações do mundo desde o passado até o presente, numa perspectiva de convergência do primeiro para o segundo. Assim sendo, ela observa duas dimensões temporais na *Geografia*: um tempo literário de uma tradição de escrever sobre as transformações do mundo, que começa com Homero e vai até ele; e o tempo das cidades e das não-cidades, em que o importante é, para as primeiras, as grandes crises que as transformaram naquilo que eram no tempo de Estrabão – os verdadeiros locais da civilização e da política –, e para as últimas, as mudanças nos costumes.

Apesar de o passado ser diretamente influenciado pelo presente – e um presente dominado pelo Império Romano –, cada região do mundo que Estrabão descrevia apresentava relação com um momento específico da história da humanidade que este autor achasse relevante, como, por exemplo, a Guerra de Troia, o retorno dos Heráclidas, ou ainda a Batalha de Áccio. Ou seja, para Clarke (1999, p. 299-304), o que importava

para a história de cada região não era o contínuo dos acontecimentos, mas as grandes rupturas, pois essas narrativas começavam a partir do momento em que os espaços sofriam alterações significativas.

Katherine Clarke termina sua argumentação afirmando que, em termos temporais, o mundo em que *Geografia*, de Estrabão, está circunscrita era romano. Apesar disso, ele não podia ser retratado a não ser mediante os recursos e conceitos que provinham da tradição historiográfica e geográfica helenística. O referencial de Estrabão era a tradição herodoteana de estudar a história humana mais abrangente possível quando procurava retratar novos mundos incorporados após o processo de conquista que vivenciava (CLARKE, 1999, p. 332-334). Isso significa que, segundo a autora, o passado em Estrabão era pensado a partir dos pressupostos da tradição na qual ele se reconhecia – ainda que o presente fosse dominado pelas questões envolvendo a expansão do poderio de Roma. Assim, o mundo que ele descrevia era um mundo em transição, do modelo grego para o romano, mas ainda sem o predomínio de nenhuma das partes. Nesse sentido, Clarke remove da *Geografia* a reputação de propagandista augustana e eleva-a à categoria de importante fonte para entender essa transição.

## Conclusão

Ambas as propostas de Nicolet (1991) e Clarke (1999) para analisar a inserção da *Geografia* no mundo mediterrânico no final do primeiro milênio a.C. podem contribuir para a conclusão do raciocínio deste artigo. Assim como tais propostas não são excludentes, mas sim complementares, o que se propõe aqui é um movimento parecido. Ademais, se utilizadas para tentar entender a articulação entre Cádiz e a Turdetânia, em Estrabão, essas perspectivas podem ser úteis para melhor explicar a relação entre as ações do tempo no local e no global, com vistas a situar temporalmente aquilo que tradicionalmente é chamado de romanização.

O primeiro aspecto que identificamos desse espaço é a intensa presença romana no interior da Turdetânia e a importância da rede de comunicação existente entre litoral e interior. Nesse sentido, a insistência de Nicolet com a característica propagandista de Estrabão pode ser interessante, mas somente à medida que consideramos que o tempo presente da *Geografia* é mais importante que todo o resto. Ou ainda, que Estrabão optou por ressaltar essas características com a esperança de ser lido por seus pares, em Roma. Nessa perspectiva teleológica, o passado apresentado pelo geógrafo está a serviço do presente e tudo é apresentado com vistas a convergir e explicar a atuação e o poder de

Roma. É essa a chave de leitura daqueles que advogam por uma Turdetânia como um “novo paradigma para a romanização” (CRUZ ANDREOTTI, 2018, p. 186).

Mais próxima à imagem do espaço turdetano e da atuação de Cádiz que observamos na análise realizada neste artigo está a leitura proposta por Katherine Clarke. O presente romano se encontra na Turdetânia e em Cádiz, na medida em que observamos esse espaço integrado interna e externamente, e a cidade imersa em um circuito em processo de internacionalização. Internamente, a Turdetânia pode ser vista como um espaço integrado cujas zonas litorânea e interiorana possuem ótimos meios de mobilidade, favorecida pela navegabilidade dos rios, mas também pela riqueza do solo e pela vida náutica produtiva. Externamente, o espaço descrito por Estrabão está integrado à rede de contatos estabelecida por Roma, que se faz presente por meio de suas colônias, mas também por estimular a multiplicidade das vias de contato – sejam elas marítimas ou terrestres. Cádiz surge aqui como protagonista desse contato externo e como agente da integração interna.

Os “recursos e conceitos que provinham da tradição historiográfica e geográfica helenística”, proposto por Clarke, aparecem quando nos perguntamos sobre a origem dessa integração apresentada. Estrabão não coloca Roma como a responsável por esse processo, nem mesmo pela integração externa. Afinal, não foram os romanos os responsáveis por estabelecer as primeiras cidades próximas às melhores baías, às desembocaduras dos rios, ou ainda ao longo das margens dos rios. Eles estimularam essa rede, mas não a criaram. Aos olhos de Estrabão, a integração interna já pode ser percebida com os povos que estavam ali quando da chegada de gregos, mas, especialmente, quando da chegada dos fenícios. Estes foram os responsáveis tanto pela construção de colônias, tais como Cádiz, como também o foram pelo fornecimento das informações mais antigas que Estrabão conhecia, que passaram por Homero e chegaram até ele. Nós conseguimos identificar, em nossa análise, que os relatos mais antigos que possuímos eram relativos às zonas litorâneas, e eram apresentadas sob o manto das lendas. Essas informações eram tão importantes que continuaram aparecendo em todos os relatos até participarem da formulação de Estrabão. Elas são colocadas lado a lado com outras fontes de informação, e confrontadas sem nenhum tipo de hierarquização entre si. O que se percebe é que, conforme novas informações sobre o interior da região são trazidas para os interessados, elas precisam ser entrelaçadas para apresentar não dois mundos completamente diferentes e estranhos entre si, mas sim duas realidades. Estas não se excluem (aproximavam-se havia já algum tempo); aliás, por volta do século I a.C., podiam ser apresentadas como integradas aos olhos de um habitante do outro lado do mundo.

A maneira pela qual os próprios romanos, em latim, descreveram tal território era, aqui sim, a visão de um espaço plenamente romanizado. Tito Lívio e, posteriormente,

Plínio, o Velho, descrevem um espaço já inteiramente incorporado ao poderio romano e isso acaba gerando duas visões distintas, embora complementares, sobre a Turdetânia. No relato do historiador responsável pela *História de Roma* encontramos-la imersa na descrição das batalhas que marcaram a Segunda Guerra Púnica. Entre os exércitos de Cipião e Asdrúbal encontramos a terra dos tartessos (Tito Lívio, *Ab urbe condita*, XXIII, 26), dos turdetanos (Tit., *Ab. Urb.*, XVIII, 15; XXXIV.19) e dos túrdulos (Tit., *Ab. Urb.*, XXXIV, 17), sem nenhum tipo de diferenciação entre esses povos, todos sendo utilizados igualmente para descrever o sudoeste peninsular. Já Cádiz apresenta certo protagonismo nos acontecimentos narrados por Tito Lívio, tendo recebido Aníbal em seu templo dedicado a Hércules-Melqart, que fizera oferenda aos deuses em busca de sucesso em sua marcha até a Península Itálica (Tit., *Ab. Urb.*, XXI, 21). Cádiz também é representada como base militar de Asdrúbal, em um momento dos conflitos em que o exército cartaginês se reorganizava, no sul da Ibéria (Tit., *Ab. Urb.*, XXVI, 20).

García Fernández (2003, p. 92) interpreta essas imprecisões de Tito Lívio como fruto de um desprezo pela região que já nos tempos da *História de Roma* era amplamente conhecida e já não mais interessaria à elite imperial ter novos dados sobre esse espaço. Além disso, o desprezo e o uso de algumas adjetivações para esses povos (belicosos, desordeiros, indisciplinados) seria adequado ao discurso de exaltação dos feitos romanos, uma vez que a Turdetânia fora um espaço de atuação daqueles que seriam os grandes adversários de Roma na disputa pela hegemonia do Mediterrâneo Ocidental, os cartagineses.

Plínio, como dissemos no começo do artigo, coloca Cádiz no centro administrativo da Bética. Portanto, ele já não mais descreve um espaço, mas sim uma região, uma província com características meramente administrativas e que visam a organizar o processo de ocupação e de obtenção de riquezas daquele espaço. No livro III da *História Natural*, encontramos uma extensa e detalhada lista de cidades, de medidas e de ordenações espaciais que caracterizam a Bética pliniana. Os povos que habitam a província são localizados próximos às cidades que se proliferam pelo território, perto do mar ou dos rios. Cádiz é a capital da jurisdição que compreende o vale baixo do Guadalquivir e toda a zona litorânea entre o Estreito de Gibraltar e o Rio Guadiana; sobre ela, não há muito o que se possa dizer, ou que seja preciso dizer, tendo em vista todo o conhecimento produzido a seu respeito até aquele momento.<sup>27</sup>

Todo o conhecimento intelectual sobre a Turdetânia produzido até então podia ser apresentado por Plínio em poucas linhas e ignorado por Tito Lívio. Aos romanos já

---

<sup>27</sup> Vide citação anterior de Plínio (*Nat. Hist.*, VI, 36).

não mais interessava entender a origem daquele espaço e sua inserção em uma ou mais redes mediterrânicas. O Império Romano era a nova rede e agora interessava como aquela pequena parte do mundo se conectava a ela. Em um movimento de centralização daquele espaço ao redor de Cádiz, Plínio apresenta o ápice desse processo, que começa por volta do século V a.C., e se materializa com a cidade tornando-se capital de uma jurisdição provincial.

Assim, é possível analisar que Cádiz, aos olhos de Estrabão, tem uma atuação local que afeta e é afetada por movimentos globais. A cidade apresentada na *Geografia* – entendida como uma obra de transição de visões de mundo – é influente por conta de seu passado estruturante e por suas relações comerciais e políticas do presente. O processo de expansão do poderio romano não se consolida na Turdetânia de maneira aleatória, ou mesmo nos moldes estabelecidos pelos italianos. A história da consolidação do domínio romano que é descrita por Estrabão só faz sentido se pensada a partir de referenciais antigos e de conhecimento acumulado por várias gerações, sejam intelectuais que abastecem a *Geografia* de informações, seja a história da integração entre litoral e interior da Turdetânia, que tem em Cádiz um dos seus principais agentes.

Olhar apenas para o presente de Estrabão é enxergar as transformações do espaço turdetano e da cidade de Cádiz como novidades trazidas apenas por Roma e, portanto, todos esses processos parecem fruto exclusivo de uma romanização. No entanto, se consideramos outras camadas históricas (bastante presentes na *Geografia*) – e destacadas em nossa leitura – os efeitos da presença romana se diluem em um contínuo de transformações que vêm integrando a Turdetânia aos modos de vida mediterrânicos desde a presença de gregos e fenícios. Nesse caso, Cádiz comporta-se como o vetor dessas transformações aos olhos das fontes escritas. Então, o que antes parecia limitar-se apenas à romanização revela-se, na verdade, um processo mais amplo de integração.

## Referências

### Documentação textual

DIODORO SICULUS. *Library of History*. Translated by C. H. Oldfather. Cambridge: Harvard University Press, 1954.

LIVY. *History of Rome: Books 1-2*. Translated by B. O. Foster. Cambridge: Harvard University Press, 1919. v. 1.

PLINY, THE ELDER. *Natural History*. Translated by H. Rackham and W. H. S. Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

POLÍBIO. *Histórias*. Tradução de Mario da Gama Cury. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.

STRABO. *The Geography*. Translated by Horace Leonard Jones Cambridge: Harvard University Press, 1960.

### Obras de apoio

CELESTINO, S. P.; LÓPEZ-CRUZ, C. *Tartessos and the Phoenicians in Iberia*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

CLARKE, K. *Between Geography and History: Hellenistic constructions of the Roman world*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

CLAVEL-LEVEQUE, M. Les gaules et les gaulois: pour une analyse du fonctionnement de la géographie de Strabon. *Dialogues d'Histoire Ancienne*, v. 1, p. 75-93, 1974.

CRUZ ANDREOTTI, G. (ed.). *Roman Turdetania*. Leiden: Brill, 2018.

CRUZ ANDREOTTI, G. Rome and Iberia: The making of a cultural geography. In.: BIANCHETTI, S.; CATAUDELLA, M.; GEHRKE, H. J. (ed.). *Brill's companion to ancient geography: the inhabited world in Greek and Roman tradition*. Boston: Brill, 2015, p. 274-297.

DUECK, D. *Geography in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

DUECK, D. *Strabo of Amasia: a Greek man of letters in Augustan Rome*. London: Routledge, 2002.

ESCACENA, J. L.; BELTRÁN, J. Territorio y ecosistema: la paleo desembocadura del Guadalquivir. In: GONZÁLES, M.; PIÑERO, M. A. (ed.). *Arqueología del Bajo Guadalquivir: Prehistoria y Antigüedad de Las Cabezas de San Juan*. Sevilla: Ayuntamiento de Las Cabezas de San Juan, 2007, p. 45-53.

GARCÍA FERNÁNDEZ, F. J. *El poblamiento turdetano en el Bajo Guadalquivir*. Tesis (Doctoramiento em Arqueología) – Departamento de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Sevilla, Sevilla, 2003.

LASSERRE, F.; AUJAC, G. *Introduction de la Géographie de Strabon*. Paris: Les Belles Lettres, 1969.

MALKIN, I. *A small Greek world*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

MIERSE, W. E. *Temples and sanctuaries from the early Iron Age Levant: Recovery after collapse*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2012.

MIERSE, W. E. The architecture of the lost Temple of Hercules Gaditanus and its Levantine associations. *American Journal of Archaeology*, v. 108, n. 4, p. 545-575, 2004.

NICOLET, C. *Space, geography, and politics in the Early Roman Empire*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1991.

- POTHECARY, S. Strabo the Geographer: his name and its meaning. *Mnemosyne*, v. 52, n. 6, p. 691-704, 1999.
- POTHECARY, S. Strabo, the Tiberian author: past, present and silence in Strabo's Geography. *Mnemosyne*, v. 55, n. 4, p. 387-438, 2002.
- POTHECARY, S. The expression "our times" in Strabo's Geography. *Classical Philology*, v. 92, n. 3, p. 235-246, 1997.
- PRONTERA, F. Strabone e la tradizione della Geografia Ellenistica. In.: ANDREOTTI, G.; LE ROUX, P.; MONET, P. (ed.). *La invención de una geografía de la Península Ibérica: la época imperial*. Madrid: CEDMA, 2007. v. 2.
- SILVA, B. S. *Entre o Atlântico e o Mediterrâneo: os processos de integração na Turdetânia ao final do primeiro milênio A.C.* Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- SILVA, B. S. Um espaço em foco: debate acerca dos estudos sobre a urbanização da Turdetânia. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 38, p. 44-60, 2022.
- SILVA, B. S. *Estrabão e as Províncias da Gália e da Ibéria: um estudo sobre a Geografia e o Império Romano*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- THOMPSON, L. A. Strabo on civilization. *Platon*, n. 31, 213-229, 1979.